

Paulo Augusto de Lima Pontes

“A Escola me deu a oportunidade de realizar tudo isso... Tenho procurado retribuir tudo que ela me deu. A Escola Paulista é minha vida. Sem ela, não seria o que sou...”

Sou de uma família de engenheiros, mas tinha um tio médico que morava em Campinas. Ele se formou na primeira turma da Escola Paulista de Medicina. Meu pai era formado pela Escola Politécnica e foi diretor do Liceu Pasteur, aqui em São Paulo. Nosso primeiro modelo é o pai, uma influência muito forte. Então, a minha escolha profissional da infância era engenharia e também pensava em ser como ele professor universitário.

Nasci em 1943, quando o Hospital São Paulo ainda estava em obras e por morar próximo ainda me lembro muito bem do final de sua construção. Naquela ocasião, a Vila Clementino era um descampado.

Tinha um outro tio que morava onde hoje é o arquivo do Hospital. Com a liberdade das crianças daquele tempo, vinha de bicicleta ou a pé brincar com o meu primo. Uma das brincadeiras prediletas era correr com a bicicleta pelo pátio do hospital. Como tive muitas infecções de garganta, acabei freqüentando o hospital. Tínhamos um médico de família, doutor Hugo Feliposi. Ele tornou-se cirurgião cardíaco, professor aqui da Escola. Entusiasmei-me com o trabalho dele e, na hora de escolher uma profissão, escolhi medicina para também fazer cirurgia cardíaca. Esse foi o motivo que me trouxe para a medicina. Mas antes disso ocorrer, ter nascido vizinho da Escola já foi um fator de aproximação. Quando decidi fazer medicina, estava claro que seria na Escola Paulista. Não existia outra universidade para mim. Quando prestei vestibular, prestei só na Escola, porque este era meu objetivo. Praticamente já nasci um epemista.

Iniciei meus estudos no Liceu Pasteur. Foi uma época ótima para mim; meu pai era o diretor da escola. Mesmo assim, não fui um exemplo de disciplina, mas aprendi uma segunda língua, o francês, importantíssima na época. Em seguida, fiz o preparo para o vestibular no Colégio Bandeirantes. Acho

que tive um excelente ensino, pois consegui entrar direto. Foi uma emoção muito grande. Ainda me lembro do dia que soube que tinha passado! Estava no Aeroporto de Congonhas, acompanhando um amigo da família que ia embarcar. Um colega, José Luís Mendonça de Barros, sobrinho do professor Renato Toledo, que também tinha conseguido entrar contou para minha irmã, que ligou para o aeroporto. Fizemos uma festa, todos pulando, e os outros passageiros sem saber o que estava acontecendo... Vim direto para a Escola fazer minha inscrição. A partir daí, toda minha vida esteve ligada à Escola.

Ainda como acadêmico, comecei a trabalhar com o professor Constabile Galucci na cirurgia cardíaca, juntamente com os professores Vicente Forte, Enio Buffolo, Boris Baronni e José Carlos de Andrade. Estavam começando as cirurgias extracorpóreas nessa ocasião. Como é de se esperar no início de tudo, existia um índice de mortalidade muito alto, pois tínhamos problemas de hemólise e os pacientes que iam para cirurgia eram os mais graves; nesta ocasião pouco se conhecia sobre o equilíbrio metabólico nas cirurgias. Operávamos por 10 ou 12 horas, passávamos a noite na UTI junto aos pacientes e, infelizmente, não conseguíamos o sucesso esperado.

Os acadêmicos eram a linha de frente e cabia a nós ficarmos ao lado do paciente, preparando e dando forças para que ele pudesse fazer a cirurgia, criávamos um vínculo muito forte de amizade. Depois da cirurgia, quando o paciente falecia restava uma certa dor na consciência porque havíamos trabalhado para convencê-lo a operar.

Um dia, tive um abscesso de amígdala e fui me tratar na otorrino. Deprimido por ver tanta dificuldade para tratar os pacientes, vi um mundo na otorrino que não conhecia. Nessa época, já estava fazendo residência em cirurgia geral. Conversei com o Professor Galucci, falei que ia deixar a cirurgia cardíaca. Ele ficou muito aborrecido, não esperava por isso. Disse para seguir nas duas áreas, mas não havia Residência de Otorrino na Escola Paulista. Tivemos que criá-la. Formei-me em 66 e isso aconteceu em 1967. Em 68, a residência em ORL já estava em funcionamento. É onde estou até hoje, como professor titular do Departamento de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço.

Tive como mestres Maurício Ganança, Ângelo Mazza, Paulo e Pedro Mangabeira, Nelson Cruz, Luiz A. A. Botelho e tantos outros. Como não havia cirurgia de cabeça e pescoço fui buscar formação no Hospital do Câncer, com o Professor Jorge Fairbanks Barbosa. Logo que entrei na Otorrino, uma coisa me chamou a atenção: a laringe, então uma parte esquecida da Otorrino. A laringe é fascinante, é através dela que se processa a comunicação verbal. Isso me despertou o interesse pela área, me induziu

a dar minha contribuição à especialidade até hoje. A linha de pesquisa que segui propiciou convites internacionais e a fazer parte também de um círculo internacional. Hoje sou o presidente do Congresso Mundial que será realizado em 2009.

Tive a felicidade de encontrar na Escola muitos de seus fundadores. Recebi aulas de Leal Prado, Ribeiro do Valle, Jairo Ramos, Nylceu Marques de Castro, entre outros. A Escola era uma família. O pessoal da USP chamava “a escolinha” de maneira agressiva, mas nós mesmos falávamos “a escolinha” de forma carinhosa, amorosa. Era realmente pequena. As turmas eram de 60 alunos... O curso de enfermagem ainda era coordenado pelas irmãs religiosas... Éramos 360 alunos, tínhamos amizade em todas as turmas. Nos intervalos das aulas nós jogávamos futebol no local onde hoje está o barzinho, em frente à Anatomia: chamava-se Machobol. Algumas vezes tinha 30, 40 jogadores de cada lado. Imagine quantos iam parar no pronto-socorro, e o mais comum eram os braços cortados nas janelas da Anatomia. Demos esse nome porque tinha que ser muito macho para jogar...

Quando houve o golpe militar, em março de 64, eu era vice-presidente do Centro Acadêmico. Assim como ocorreu em outras universidades, também tivemos aqui professores afastados por suas posições políticas. Muitos eram professores brilhantes. Tínhamos que tomar uma posição, mas com o clima de medo os colegas da diretoria estavam com receio de elaborar um manifesto. Falei: faço e assino em nosso nome, vou falar do pensamento de todos aqui”. Redigi o manifesto lamentando a perda desses professores e frisando que o que nos transmitiam de conhecimento não era relacionado à posição política. Foi publicado nos principais jornais. Não deixávamos de tomar uma posição contra o regime militar. É claro que tínhamos colegas que lutavam ideologicamente e alguns foram realmente reprimidos inclusive com sofrimentos físicos. Aliás, tive no meu consultório um desses colegas que foi para a luta e até hoje tem seqüelas psicológicas em função da tortura. Participamos de manifestações políticas e freqüentamos, nos anos seguintes, reuniões no Mackenzie e na Faculdade de Filosofia à frente. Apesar de manifestações pacíficas corremos muito da cavalaria, inclusive com o atual governador, que era um dos líderes estudantis. Lembro-me dos organizadores jogando rolha de cortiça para os cavalos escorregarem e podermos escapar. Infelizmente, não conseguíamos escapar de todas as investidas.

Havia uma histórica rivalidade entre o pessoal do Centro Acadêmico e da Atlética. Estive nos dois lados. Fui primeiro da Atlética. Nosso evento esportivo máximo era Pauli-Poli, que era a Escola

Paulista contra a Politécnica da USP. Tínhamos, em contrapartida, Mack-Med, que era Mackenzie contra a Medicina. Mas o forte mesmo, que fazia movimento na cidade, era a Pauli -Poli.

Quando entrei na Escola, era muito franzino, tinha 1,86 e pesava 66 quilos, acho que de tanto estudar para o vestibular. Um dia, estava na Anatomia e um veterano, Carlos Millani, hoje ortopedista e também professor, perguntou quem desejava participar do atletismo. Resolvi fazer. Não deu outra, correndo os 400 metros, caí nos 300. Foi um grande vexame. Aquilo me tocou nos brios, resolvi que seria um atleta. Passei a treinar no Clube Pinheiros e chegamos a bater recordes, sendo a minha principal prova a dos 110 metros com barreiras. Tínhamos um nome muito forte na escola por esta atuação esportiva.

Sou da mesma turma do Prof. Walter Albertoni, que sempre foi um articulador tremendo. Um dia ele chegou para mim e disse: “O Adnan é nosso candidato a presidente e quero que você seja o vice-presidente do Centro Acadêmico”... Até levantei a questão de que meu negócio não era fazer política, mas ele disse que era necessário alguém da Atlética. O vice-presidente era o responsável pelas relações externas da Escola, por isso, durante a revolução, ficou nas minhas mãos redigir e assinar o manifesto. Walter Albertoni conseguiu fazer com que o pessoal da Atlética, nessa ocasião, se harmonizasse com o pessoal do Centro Acadêmico.

A Escola me deu a oportunidade de realizar tudo o que desejei. Tenho procurado retribuir tudo que ela me deu. A Escola Paulista é minha vida. Sem ela, não seria o que sou... Talvez não pudesse ser nada, ou poderia ser muito mais, não sei dizer. Mas sou o que sou porque existiu uma Escola Paulista de Medicina. Estou muito feliz pelo que sou, portanto estou muito feliz de pertencer à Escola, não só como participante, mas por ter vivido sua história.

Durante esse tempo, criamos muitas coisas na Escola. A pós-graduação, por exemplo, foi também uma iniciativa nossa, um trabalho muito difícil. Os cursos de pós-graduação eram mais eficientes na área básica, muito mais do que na área clínica. Foi uma das primeiras especialidades em nível nacional a ter pós, uma das primeiras aqui da Escola. A maioria dos professores universitários do Brasil foi formada aqui. A USP abriu também, outras universidades também abriram mestrado, mas os primeiros doutores foram formados aqui na Escola Paulista de Medicina. Então, a Escola tem cumprido sua função, na área de Otorrino, de formar docentes e pesquisadores para todo País.

Mas nem tudo é cor de rosa. Quando começamos a introduzir a Cirurgia de Cabeça e Pescoço, foi uma dificuldade muito grande porque algumas cirurgias conflitavam com outras áreas, como a

cirurgia plástica e a cirurgia endócrina. Hoje, nosso serviço é modelo. Assim como tínhamos oponentes, tínhamos também um contingente muito grande que nos apoiava.

A Escola Paulista de Medicina foi criada com o espírito pioneiro de quebrar as amarras das limitações, dos terrenos, dos domínios. Foi essa mentalidade que formou a Escola. Os primeiros professores transmitiam a nós esse pensamento. Acredito que até hoje é uma das escolas mais abertas.

Sempre achamos que a Escola era única e especial. Mas, se continuássemos como autarquia, os recursos seriam cada vez menores. Tínhamos que lutar muito para conseguir verbas, para ajudar o desenvolvimento. A idéia de se criar uma universidade era um sonho, sem dúvida, especialmente para poder tornar a Escola competitiva. Acredito que a Escola Paulista de Medicina vai deixar de ter a hegemonia de comando nesta universidade, é natural. Fico triste, como quem vê o filho indo embora e tem saudades da época em que o tinha sob controle. É a mesma coisa. O que temos que preservar é a individualidade da Escola Paulista de Medicina. A universidade vai crescer, tem que crescer. A Escola pode ficar ombro a ombro com outros cursos e faculdades, dentro do contexto universitário, mas não pode perder a sua individualidade e a sua tradição.

Não creio que o mesmo espírito que levou à formação da Escola Paulista, de empreendedorismo e fraternidade, se espalhe pela universidade como um todo. O perfil dos alunos da Unifesp é muito diferente do que era na Escola Paulista de Medicina. Vivíamos na faculdade com espírito social e familiar. Quando entramos na faculdade, tínhamos o interesse em formar um relacionamento mais próximo com nossos colegas, formar uma família aqui como aprendemos em nossa infância. Hoje, a criança já não mais brinca na rua, já não faz seus brinquedos, vem tudo pronto. Tem que ir para aula de inglês, para educação física, natação... Desde pequena tem compromissos e nas horas de folga joga vídeo game. Isso muda totalmente o perfil. Os jovens hoje são menos politizados e estão voltados para tecnologia desde cedo, dão pouco valor à área social. O que vemos são grupos pequenos de amigos e muitas vezes um aluno não conhece o colega do mesmo ano.

A gente tinha um espírito de integração social muito maior que os jovens têm hoje. A competição e a tecnologia mudaram a mentalidade em muitos aspectos. Então, jamais vamos ter na Unifesp uma reprodução do que foi a Escola Paulista. Infelizmente, é uma pena.